

Corpo e ascese

Por: Maria Clara Bingemer

O tempo da quaresma, que agora vivemos, traz consigo o apelo à conversão e à mudança de vida. Para realizar essa proposta, a Igreja sugere a cada fiel a prática da penitência, do jejum e outros exercícios ascéticos que têm a função de "recordar" ao corpo sua verdade e vocação: ser a condição de possibilidade da inserção do ser humano no mundo e de sua comunicação com os outros.

Essa valorização da ascese por parte do cristianismo, como mediação importante para aproximar-se mais de Deus e dos irmãos, tem recebido da mentalidade moderna e pós-moderna críticas severas. Seria uma espiritualidade dolorista, que esconderia no seu fundo mais profundo um elemento doente e distorcido, revestido de masoquismo, que enalteceria o sofrimento e a dor de maneira malsã, apresentando a vida como um vale de lágrimas e o caminho para a santidade como uma sucessão de infundáveis e cruentos sacrifícios.

Ora, na verdade é totalmente outra a proposta da Igreja quando exorta os fiéis à conversão neste tempo que antecede a Páscoa. A experiência religiosa e mística das religiões introduziu a conexão entre a experiência do amor divino e a experiência da corporeidade, presente sobretudo na linguagem dos místicos.

O grande pensador Georges Bataille defende a tese de que fomos nós que, com a mentalidade científica e técnica da modernidade, fizemos da união sexual uma realidade puramente biológica. Na verdade, a fenomenologia das religiões demonstra-nos que a corporeidade humana é toda ela imediatamente significativa do sagrado. Com mais razão se pode fazer tal afirmação quando se trata do cristianismo.

Centrado no mistério da encarnação, o cristianismo não menospreza o corpo, mas o inclui em sua reflexão e discurso, e o coloca em lugar proeminente ao refletir e falar sobre o mistério do divino. A experiência da transcendência no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Portanto, é uma experiência que passa pela corporeidade. Fora desse dado central e indispensável, não há cristianismo.

Nada do que é humano, portanto, é estranho ao divino, segundo o cristianismo, e toda nova descoberta e nova ênfase do pensar e do falar cristãos em termos de humanidade vêm não ameaçar sua identidade, mas, pelo contrário, alimentá-la, nutri-la, fazê-la mais verdadeira. Ao contrário também, toda tentativa de escapar e minimizar a corporeidade e a carne é tentação que descaracteriza a teologia cristã em sua dinâmica histórica e encarnatória.

Por que, então, a penitência e o jejum? Se o cristianismo proclama e constata a redenção da carne, dessa carne que foi assumida pelo próprio Deus com todas as suas conseqüências, por que mortificá-la pela penitência, por que frustrá-la pelo jejum e a abstinência?

Mais veementes e instigantes se tornam ainda essas perguntas nos tempos de hoje, em que assistimos a uma verdadeira obsessão pela glorificação do corpo. Nos altares das academias, nas passarelas das pistas de corrida, nos aparelhos de musculação se edificam músculos perfeitos e ventres lisos e rijos; nas salas de cirurgia plástica se transformam narizes, bocas, queixos e testas com bisturis e injeções de botox; ou se reconstroem corpos inteiros, eliminando gorduras e celulites, subtraindo carne ou acrescentando-a, inserindo seios ou subtraindo-os quando são demasiado fartos. Isso até que as curvas obedeçam ao padrão de perfeição ditado pela moda do momento, sem o qual a beleza não existe ou não satisfaz às expectativas sobre ela lançadas.

A ascese proposta pela quaresma pretende, na verdade, libertar-nos dessa escravidão. Pretende fazer-nos experimentar nossos limites e a verdade de nossa condição humana, que é carente e vulnerável, sente fome, sede, frio e dor. Andando na contramão do hedonismo a que a sociedade instiga, percebemos a dignidade do nosso corpo, que voluntariamente colocamos à prova pelo jejum e a penitência.

Ajuda-nos a perceber que esse corpo que nos foi dado de graça e por graça é maior do que aquilo a que as academias, ginásios e clínicas estéticas o querem reduzir. Nosso corpo é chamado a ser disponível para louvar, ágil para servir, pronto a curvar-se sobre o que sofre para resgatá-lo e ajudá-lo, aberto para receber menos insumos e alimentos, a fim de que outros possam saciar a fome que lhes devora as entranhas e a vida.

Esse o sentido da ascese, do exercício que a quaresma nos convida a praticar. Nem de longe se trata de uma tortura ou menosprezo ao corpo, mas de uma proclamação entusiasta daquilo que é sua verdadeira vocação: o serviço, o louvor, o amor.